

Waterscapes literárias: A representação da água em *Viagem à Itália*, de Johann Wolfgang von Goethe

Literary waterscapes: Water representation in the *Italian Journey*, by Johann Wolfgang von Goethe

Natália Valle
Universidade Federal do Paraná
valle.mnatalia@gmail.com

Marcelo Chemin
Universidade Federal do Paraná
marcelochemin@uol.com.br

Resumo

O reconhecimento da água como atributo vital, bem cultural e tema artístico perpassa culturas e a própria trajetória de fixação e desenvolvimento da humanidade. Em tempos mais recentes, a água converteu-se em um dos recursos de maior valor recreativo, patrimonial e turístico, movimento este relacionado com uma interpretação sensível impulsionada pelo Grand Tour, iniciado no século XVII e praticado por grandes nomes das artes, a exemplo de Goethe. A intensa representação estética da água é parte do legado do Grand Tour e, embora disseminada nas artes, são reduzidos os estudos sob a perspectiva de *waterscape* cujo recorte de investigação aproxima literatura e turismo. A pesquisa explorou esta lacuna e indagou: como se apresentam as paisagens aquáticas nos relatos de Grand Tour de Johann Wolfgang von Goethe em sua obra *Viagem à Itália*? Objetivou analisar as paisagens aquáticas – *waterscape* – na obra *Viagem à Itália*, de Goethe. Aplicou o método topoanalítico, de análise do espaço a partir de oito tópicos, pertinentes de observação na literatura de prosa e verso. Constatou-se que a *waterscape* goethiana é conotativamente positiva e associa

as águas da Itália à vivacidade, alegria, luminosidade, fluidez. As viagens lacustres e marítimas são momentos carregados de emoção. As gôndolas, a imensidão do mar azul e os reflexos esverdeados da água marítima, os rios, as lagoas, as praias e os canais articulam a paisagem aquática italiana narrada pelo poeta.

Palavras-chave

Waterscape • Turismo literário • Topoanálise • Grand Tour • Johann Wolfgang von Goethe

Abstract

The recognition of water as a vital attribute, a cultural asset, and an artistic theme permeates cultures and the very trajectory of humanity's fixation and development. In recent years, water has become one of the resources with the greatest recreational, heritage, and tourist value, a movement that is related to a sensitive interpretation driven by the Grand Tour, which started in the 17th century and practiced by great names in the arts, such

as Goethe. The intense aesthetic representation of water is part of the legacy of Grand Tour and, although widespread in the arts, studies are limited from the perspective of the waterscape, whose research focus approaches literature and tourism. The research explored this gap, and asked: how are the aquatic landscapes presented in Johann Wolfgang von Goethe's Grand Tour literary work *Italian Journey*? It aimed to analyze the aquatic landscapes – waterscape – in the literary work *Italian Journey*, by Goethe. The topoanalytical method was applied, from the analysis of space through eight pertinent topics of observation in the literature of prose and verse. It was found that the Goethian waterscape is connotatively positive and associates the waters of Italy with vivacity, joy, luminosity, and fluidity. Lake and sea trips are moments full of emotion. The gondolas, the immensity of the blue sea, and the greenish reflections of the maritime water, the rivers, the lagoons, the beaches, and the canals articulate the Italian aquatic landscape narrated by the poet.

Keywords

Waterscape • Literary tourism • Topoanalysis • Grand Tour • Johann Wolfgang von Goethe

1. Introdução

A água é recurso fundamental para a vida, determina as condições elementares para a fixação e vivência humana no território. Sua importância é reconhecida na história das civilizações a partir de uma multiplicidade de significados e representações que acompanham os mais variados aspectos da vida humana, desde a sua origem. Note-se que cada civilização é originada de um rio ou lago, e a humanidade vive e depende essencialmente da disponibilidade e usufruto da água (Lingyu & Yongkui, 2011).

Portadora de um vasto conteúdo simbólico que varia conforme o tempo e o espaço, a água participa de mitos, lendas, superstições e histórias em diferentes culturas. É um tema igualmente valorizado nas artes como a pintura, literatura, poesia, fotografia, cinema, entre outros. Nesse sentido, Rudzewicz (2018) enaltece o potencial estimulante da água para a percepção humana, considerando sua participação em emoções, sentimentos, inspirações ao longo da história da humanidade. É também instrumento e meio para a realização de práticas sociais diversas, englobando múltiplas dimensões e funcionalidades: biológica, simbólica, política, econômica, religiosa, espiritual, artística, paisagística, lúdica, esportiva, turística, patrimonial (Rudzewicz, 2018: 55).

Nas dimensões lúdica e da saúde, o contato com a água é prescrito para conforto, animação e tranquilidade (Shao, 2015), por isso, sua aplicação frequente no âmbito terapêutico. Segundo Doughty (2018), a água é um agente curador e um meio para a promoção da saúde e as experiências sensoriais praticadas em espaços aquáticos auxiliam na promoção do bem-estar humano. Para Shao (2015), a água natural favorece tranquilidade e paz, refletindo na vitalidade humana, no alcance sensorial e na paisagem.

Nesse contexto, o conceito de *waterscape* – compreendido por paisagens inerentes à água – provém de uma perspectiva da ecologia política que reconhece que a natureza e a sociedade não existem separadamente. Relaciona-se com diversas áreas do conhecimento e em diferentes contextos geográficos e recortes de investigação. Além disso, está alicerçado em um apelo para que a humanidade dedique maior sensibilidade à água e seu uso, estreitando as relações humanas com as paisagens aquáticas (Karpouzoglou & Vij, 2017).

Rudzewicz (2018: 91) aborda a água como elemento material de forte valor paisagístico e patrimonial, que dialoga historicamente com o Turismo a partir das dimensões física, funcional, cultural, simbólica e estética. A água, em seus diferentes estados físicos, é elemento determinante para fruição turística, dado que inúmeros territórios turísticos determinam atividades, empreendimentos e práticas segundo disponibilidade de neve, praia, cursos e quedas d'água, termas, lagos e paisagens associadas.

Apesar do atributo vital, ativo cultural e artístico e recurso turístico, no domínio científico, a água, sob a perspectiva de *waterscape*, pouco foi estudada considerando um recorte que intenciona aproximar literatura e turismo. Desse modo, esta investigação partiu da seguinte indagação: como se apresentam as paisagens aquáticas nos relatos de Grand Tour de Johann Wolfgang von Goethe em sua obra *Viagem à Itália*? Assim, o presente estudo objetivou analisar as paisagens aquáticas, doravante *waterscape*, na obra *Viagem à Itália*, de Goethe. A análise desenvolveu-se a partir do método topoanalítico, que permite o estudo aprofundado do espaço a partir de oito tópicos, passíveis de observação na literatura de prosa e verso (Borges Filho, 2007).

2. Turismo literário

O turismo literário consagra-se em viagens motivadas pela literatura e efetiva-se do encontro do turista-leitor com os lugares literários. É entendido “como um nicho do turismo cultural que tem a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura” (Quinteiro & Baleiro, [2017] 2019: 34),

cujos turistas são atraídos para visitar lugares que estão descritos em obras literárias ou que estão relacionados com a vida dos escritores (Squire, 1994). Os lugares literários ultrapassam a ideia de um acidente ou coincidência histórica, estes lugares “são construções sociais, criadas, ampliadas e promovidas para atrair turistas” (Herbert, 2001: 313).

O turismo literário é uma manifestação da busca por espaços e ambientes significativos, e se dá a partir de imaginários e representações derivadas de textos literários que refletem e recriam paisagens que constituem a história de um local (Pinzon, 2017), como também pela busca de lugares que fizeram parte da vida dos escritores. A viagem materializa os lugares que até então eram apenas uma representação literária ou uma imagem gerada pela literatura na imaginação do leitor (Quinteiro & Baleiro, [2017] 2019).

Esta perspectiva teórica é recente, pois o turismo literário é tido como um campo de pesquisa emergente (Çevik, 2020). Todavia, as origens das viagens com motivações literárias estão calcadas no Grand Tour, cenário de concretização de viagens por estímulo da literatura e com objetivo de conhecer a vida e os lugares associados à figura de escritores ilustres à época (Quinteiro, Gonçalves & Carreira, 2021; Quinteiro & Baleiro, [2017] 2019).

Na seara do turismo literário, textos literários que têm o atributo de acrescentar valor turístico a um lugar, motivando e incentivando viagens, designam-se como literatura de turismo e são reconhecidos por promoverem o deslocamento aos lugares literários (Quinteiro & Baleiro, [2017] 2019; Lopes, Baleiro & Quinteiro, 2017).

Travels through France and Italy de Tobias Smollett (1766), *Expedition into Sicily* de Richard Payne Knight (1986) e *Viagem à Itália* de Goethe são exemplos de diários de viagem clássicos dos *grand tourists* e que, posteriormente, foram publicados em formatos acessíveis aos leitores, configurando obras de referência da literatura de turismo. O conteúdo desses diários incentivou, desde sua origem, percepções, desejos, motivações e viagens. Alguns lugares descritos seguiram por décadas como alvos de visitação intensa e se consolidaram como destinos centrais dos fluxos turísticos no continente europeu.

3. Grand Tour e *Viagem à Itália* (1786 a 1788), de Goethe

O Grand Tour representa um movimento de viagens sociais e culturais que conciliava formação artística, conhecimento e prazer sensorial. O circuito, realizado na Europa Ocidental, retrata um período notável na história do turismo e mobilizava uma elite social

para um tour de cultura, educação e prazer (Towner, 1985). Salgueiro (2002) descreve as viagens do Grand Tour como típicas da cultura europeia aristocrática do século XVIII. Eram marcadas por um forte desejo de aprimoramento pessoal, o que dependia, no entanto, da fruição de determinadas paisagens e domínio de categorias estéticas.

Milheiro e Melo (2005: 116) consideram que, no período do Grand Tour, o viajante alcançou pela primeira vez a condição de turista interessado na “descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes”. O contexto histórico do Grand Tour recebeu forte influência do Iluminismo e dos primeiros anos da Revolução Industrial, contudo, em 1789, o movimento cessou em razão da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas (Salgueiro, 2002; Milheiro & Melo, 2005). Na sequência desses acontecimentos, as viagens retomaram em formatos diferentes e incluindo classes diferentes.

Diversas rotas e destinos faziam parte da viagem dos *grand tourists*. Milheiro e Melo (2005) indicam que a viagem do Grand Tour contemplava Paris e o Sul de França, os Países Baixos, os Alpes, Viena, Praga e Itália. De acordo com López Martínez (2015), o itinerário mais comum realizado pelos jovens praticantes do Grand Tour incluía Paris, norte da Itália, Florença, Roma, Nápoles, Suíça e, às vezes, a Alemanha, em um período que durava em torno de dois a três anos, com caráter de ritual educativo.

Cada viagem assumia sua singularidade e dependia de diversos fatores para que o indivíduo chegasse às cidades, como a origem da rota, os trajetos, meio de transporte e condições climáticas. As visitas eram facilitadas por amigos e pessoas familiarizadas com os lugares, que se transformavam em guias. Os destinos eram geralmente narrados em diários de viagem, caracterizando uma literatura de turismo (Quinteiro & Baleiro, [2017] 2019).

Grandes personalidades do campo da cultura e das artes viveram a experiência, como por exemplo, Joseph Addison, Joachin Winckelmann, Horace Walpole, Thomas Gray e Johann W. Goethe. Esses e demais *grand tourists* faziam “culto ao sublime” e, segundo Salgueiro (2002), formaram uma sensibilidade especial que foi transportada para seus relatos escritos e registros visuais.

Johann Wolfgang von Goethe é um dos mais notáveis *grand tourists*. Visitou a Itália no período entre setembro de 1786 e abril de 1788 e, em *Viagem à Itália*, relatou sua experiência no país, incorporando, para além de uma narrativa de viagem e registro autobiográfico, um relato de desenvolvimento pessoal com profundas mudanç as intelectuais (Maas, 2017; Guidotti, 2012).

Italienische Reise, ou *Viagem à Itália* [1816] (2017), da Editora Unesp, com coordenação de Mario Luiz Frungillo e tradução e prefácio de Wilma Patricia Maas, apresenta o texto narrativo de Goethe sobre sua viagem ao país italiano. Essa publicação é resultado das cartas que Goethe encaminhou aos amigos e dos diários a Charlotte Von Stein, escritos ao longo do percurso. De acordo com Guimarães (2017), houve longo transcurso temporal entre a viagem e o arranjo da publicação no seu formato “definitivo”. Ainda que reorganizado posteriormente à viagem, a obra é escrita com a narração em tempo presente, indicando local e data, sugerindo que Goethe quis ceder caráter fidedigno e testemunhal às experiências.

“A obra é um manifesto clássico após a Revolução Francesa e após a grande efervescência romântica nas cidades de Berlim, Heidelberg e Iena e, em adição, dá cabo à evolução da concepção artística madura de seu autor” (Guimarães, 2017: 57). E, para além disso, a obra é um diário de viagem proveniente do Grand Tour, ou também uma literatura de turismo. Para Bakhtin [1979] (1997), o romance de formação é praticado por Goethe e efetua-se no tempo histórico real, necessário, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico. É nesta tipologia de romance realista de formação que se torna possível

observar o tempo histórico na obra literária, uma vez que Goethe “possuía especial aptidão para ver o tempo no espaço e os sinais do tempo na natureza” (Bakhtin, [1979] 1997: 249).

A concepção do contexto espaço-temporal da obra literária expressa a mudança pessoal e intelectual que Goethe relata ao longo da jornada italiana. A viagem também forneceu conteúdo para as investigações e incursões posteriores e para a formação de Goethe na ciência natural (Diogo Filho, 2018).

A viagem de Goethe teve como percurso (Figura 1) sua saída de Karlsbad (atualmente Karlovy Vary) até Nápoles e uma segunda temporada em Roma. Ao longo da jornada, Goethe destacou elementos visuais e descreveu com precisão o espaço. O visível sempre foi de extrema importância para o escritor, daí a ênfase da redação e emprego recorrente de palavras para representar a experiência visual. Para Goethe, as noções e as ideias mais complexas e elaboradas sempre podem ser representadas de uma forma visível, por meio de um esboço, de um desenho esquemático ou simbólico (Bakhtin, [1979] 1997: 246). Goethe alude sobre a importância visual em toda a narrativa e a estética goethiana refere-se essencialmente à percepção sensorial (Guidotti, 2012).



FIGURA 1. Jornada de Goethe segundo a obra *Viagem à Itália*. Fonte: Diogo Filho (2018)

Segundo Guimarães (2017), o olhar goethiano se refere ao indivíduo em seu encontro com a obra de arte e/ou a paisagem natural. Goethe enfatiza a experiência originária da viagem, narra a imediatez e exalta o tom fenomenológico, por isso, escreveu o texto e preservou características epistolares, mediante indicação de data e local das experiências no relato presente. Esta é a razão pela qual se sugere que Goethe quis dar caráter testemunhal e fidedigno em relação aos fenômenos que se manifestaram em sua experiência na Itália.

Em *Viagem à Itália*, dois modelos de paisagem são operacionalizados na narrativa: geográfico e pictórico (Guimarães, 2017). O primeiro refere-se às passagens escritas com termos geográficos, cujo entendimento de paisagem está alinhado à geografia cultural (Cosgrove & Jackson, 2000) e exemplificado pela descrição corográfica, ou seja, das regiões e localidades que o autor visitou. O modelo pictórico, por sua vez, indica o movimento do olhar, com recursos adverbiais e cede forma temporal à imagem, isto é, o autor enumera os elementos do que vê e, na sequência, após esse percurso, lento na descrição dos elementos visuais, é que se obtém o todo paisagístico (Guimarães, 2017).

A narrativa transcendental dos espaços e paisagens contemplados no diário de viagem de Goethe alcança novos entendimentos a partir recurso topoanalítico, mediante ângulos aprofundados e na sequência rearticulados. Trata-se de resultados que contribuem no desvelamento da literatura sensível sobre o Grand Tour, assim como permite conhecer mais do estilo e estratégias de Goethe e de seus momentos na Itália, conforme será demonstrado na sequência.

4. Imersão em *waterscapes* a partir da Topoanálise

O termo topoanálise é proveniente do livro *A poética do espaço* (1989), de Gaston Bachelard. Segundo Borges Filho (2007: 33), a topoanálise “é a investigação do espaço em toda a sua riqueza, em toda a sua dinamicidade na obra literária”, considerando as inferências psicológicas, sociológicas, filosóficas, estruturais, abarcando a vida íntima e social do personagem no âmbito cultural e natural.

Borges Filho (2007) desenvolveu um método de topoanálise articulado pela análise de oito itens passíveis de observação na literatura de prosa e verso (Figura 2). Em primazia, o autor discute terminologias e conceitos de espaço, lugar, paisagem e território e, na sequência, introduz a topoanálise, as perspectivas

espaciais que podem ser analisadas em um texto, fazendo uso de um viés interdisciplinar.

A interpretação de cada texto literário é única e o roteiro proposto não é rígido. Portanto, é adaptável a cada análise e vinculado ao olhar crítico do topoanalista em sua interpretação.

A primeira tarefa do topoanalista é identificar os espaços do texto, o que é intitulado de “topografia literária”. Nesta fase inicial, cabe detectar a segmentação do texto em macroespaços e microespaços, assim como a verificação da existência de cenários – entendidos pela conceituação de espaços criados pelo homem ou natureza e analisar o ambiente em cada um desses espaços. Por fim, a verificação da paisagem, o cenário ou a natureza são classificados como paisagem quando tiverem três características: extensão, vivência e fruição. Essas características são essenciais no entendimento de paisagem, pois a considera como um conceito subjetivo, ligado à ideia do olhar e da vivência.

A inventariação do espaço é conduzida também pela busca na resposta de qual é a função e o percurso espacial do texto literário. A função do espaço pode ser: 1) caracterizar as personagens, situando-as no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem; 2) influenciar as personagens e também sofrer suas ações; 3) propiciar a ação; 4) situar a personagem geograficamente; 5) representar os sentimentos vividos pelas personagens; 6) estabelecer contraste com as personagens; 7) antecipar a narrativa.

A topoanálise é uma ferramenta para desvelar obras literárias. Na alçada do turismo literário, a pertinência de sua aplicação advém do potencial de aprofundamento da obra de referência, o que representa um ganho de dupla perspectiva. Em primeiro momento com ampliação do entendimento dos lugares e paisagens literárias. Na sequência, por meio de estratégias de comunicação e desenvolvimento qualificado do turismo que podem desdobrar do primeiro momento. Fato central é que diligência analítica sobre obra abre campo de possibilidades para a concepção, planejamento e programação de recursos de visitação, mediante técnicas de interpretação elucidativas, educativas e interativas. Ademais, o método topoanalítico permite interpretar lugares literários para além da sua existência, enfatizando características intrínsecas, assim como os gradientes sensoriais, as coordenadas espaciais, a relação de topopatia, entre outros.

Em adição, a partir do momento em que *waterscape* se relaciona com a vida ou a obra de escritores, é a topoanálise que permitirá uma construção interpretativa para as paisagens correlatas à água, elucidando a importância dessa substância vital para o turismo.

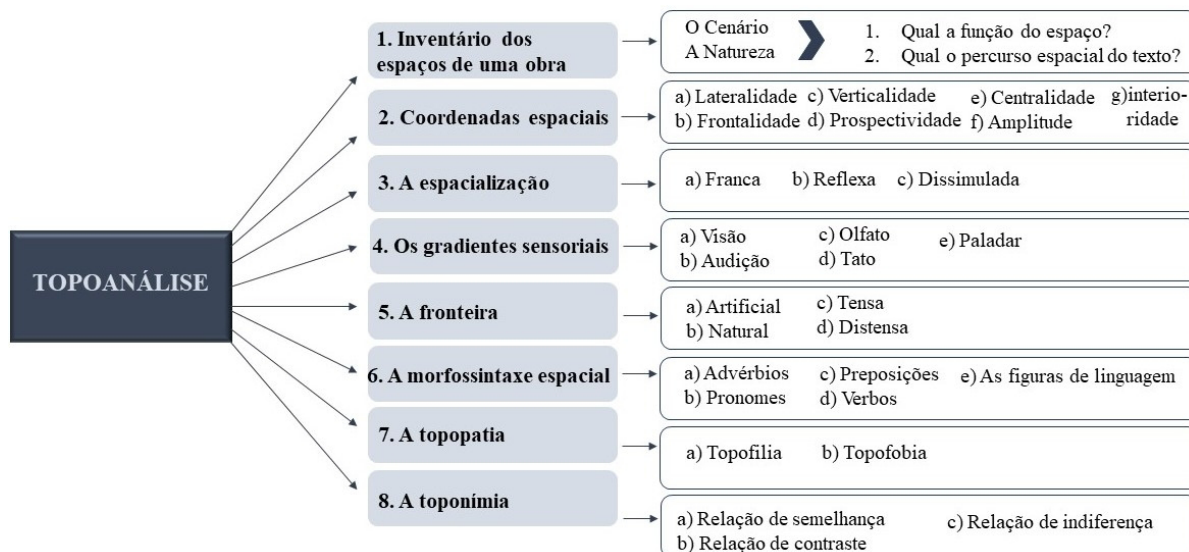


FIGURA 2. Percurso da topoanálise. Fonte: Baseado em Borges Filho (2007)

5. “Me faltam os sentidos capazes de representar tudo isso”: uma topoanálise da obra *Viagem à Itália*

A análise de *waterscapes* presentes em *Viagem à Itália*, narrativas da viagem de grand tour de Goethe, a partir da topoanálise, delimitou a jornada narrada na viagem de Karlsbad até Nápoles. Não se considera, portanto, a segunda temporada romana.

O ponto de partida da investigação correspondeu a um processo de leitura flutuante, seguida de uma leitura analítica, para marcação de trechos relacionados com a água. No total, 51 excertos foram selecionados e posteriormente transferidos em sua integridade para uma planilha do software Microsoft Excel (Tabela 1). Os trechos têm a indicação da página e as demais colunas apresentam as possibilidades de categorias da topoanálise (Borges Filho, 2007). O processo topoanalítico exige leituras recorrentes dos trechos e das minúcias do texto para identificar as representações das categorias.

O processo de topoanálise teve início com a inventariação dos espaços. A identificação alcançou microespaços que correspondem tanto ao cenário quanto à natureza. A jornada (Figura 1) indica os principais lugares percorridos por Goethe, o que envolveu monumentos, vilas, cidades e espaços naturais. Quanto ao cenário, diversas são as correspondências, tais como os meios de transporte, nesse aspecto sobressaíram os marítimos – barcos, navios, gôndolas – e os

coches que utilizou em estradas. Também há menção a ancoradouros e povoados italianos, às ruas pelas quais circulou e às casas em que se hospedou. Quanto à natureza, menções sobre montanhas, rios, o mar, praia, fontes e toda uma paisagem referente às águas, sejam elas marítima ou lacustre, que engendram uma *waterscape* peculiar. Goethe descreve os cenários e a natureza e explica contribuições desta vivência para uma jornada de caráter transcendental.

Percurso ¹	A	B	C	D	E	F	G
Quantidade excertos	1	3	1	18	4	13	11
Total de excertos sobre água: 51							

TABELA 1. Quantidade de excertos analisados

1 Percurso A: Karlsbad ao Brenner; Percurso B: Brenner a Verona; Percurso C: Verona a Veneza; Percurso D: Veneza; Percurso E: Ferrara a Roma e primeira temporada em Roma; Percurso F: Nápoles; Percurso G: Sicília.

O ambiente é representado pela soma de cenário ou natureza e o clima psicológico. Como exemplificação, temos a última viagem de Goethe a Nápoles, em que as condições marítimas e meteorológicas dificultaram a chegada ao golfo e os perigos iminentes de uma viagem são descritos em minúcia pelo escritor. A passagem “Contemplamos com horror o destino que nos aguardava” (Goethe, [1816] 2017: 351) representa uma situação negativa encontrada pelos passageiros do navio, que balançava em alto mar e se aproximava de rochas perigosas, sem previsão de uma enseada segura para aportar. O imaginário humano vinculado a condições meteorológicas está permeado de augúrios, percebe-se medo e riscos decorrentes do momento, por outro lado, existe também uma ressonância positiva com o espaço, haja visto que “a natureza é o único livro que oferece um conteúdo grandioso em todas as suas páginas” (Goethe, [1816] 2017: 227).

Para Borges Filho (2007), o conceito de paisagem é subjetivo e sempre dependente do observador. A paisagem ganha vigor e complexidade quando o personagem está diante de uma grande extensão visual e seu olhar imbuído de significados, vivência e fruição. A paisagem da costa italiana pode, entre tantas outras descrições, ser elucidada pelo seguinte excerto:

Era meio-dia e o brilho do sol estava muito claro, de modo que pude distinguir perfeitamente o que estava perto e o que estava longe, sem me valer da perspectiva. A maré cobria as lagunas, e quando dirigi o olhar para o Lido, a estreita faixa de terra que circunda as lagunas, vi pela primeira vez o mar, onde havia um veleiro. Nas lagunas havia galeras e fragatas, que deveriam encontrar o cavaleiro Emo, que faz guerra à Argélia. Porém, os ventos desfavoráveis não permitem que elas partam. Ao norte e a oeste as montanhas de Pádua e Vicenza, assim como a cordilheira do Tirol, completam lindamente o quadro (Goethe, [1816] 2017: 88).

Em *Viagem a Itália*, o espaço assume a função de representar os sentimentos vividos por Goethe, denotando uma homologia entre o escritor e o espaço, como por exemplo os trechos em que transparecem os sentimentos bons em relação ao ambiente vivenciado.

Superada a identificação inicial de inventariação e funções do espaço do livro, coube a topoanálise dos 51 trechos correlatos à *waterscape*. As coordenadas geográficas são representadas por trechos de lateralidade, frontalidade, verticalidade e prospectividade que indicam a presença de algum lugar na paisagem por vocábulos duais de esquerda e direita, diante e atrás, alto e baixo, perto e longe. Com efeito, o espaço

é instalado na narrativa a partir da visão do escritor e da sua jornada por terras e águas italianas, de maneira “reflexa”, ou seja, Goethe, situado em determinado ponto geográfico, apresenta o que vê, através de trechos de caráter descritivo com efeito de subjetividade, assim, o personagem ativo descreve sua visão de forma singular (Borges Filho, 2007: 64). “Guardei a imagem impressa em meus sentidos” (Goethe, [1816] 2017: 137). O ser humano percebe a realidade de formas variadas, ainda que os sentidos e estímulos sejam semelhantes, de modo que a topoanálise observa os gradientes sensoriais, através dos sentidos humanos. Goethe utiliza-se dos cinco sentidos para descrever as paisagens aquáticas, em especial a visão. Observem-se os seguintes excertos:

Mas que bela vista o mar oferece! (p. 109)

[...] a paisagem que se avista é simples e graciosa (p. 119).

Escutei um estrondo, era o mar. Logo percebi que ele crescia em direção à praia e depois recuava. Era perto do meio-dia, hora da maré baixa. Pude então ver com meus próprios olhos e caminhar pelo solo macio que ele deixa atrás de si, ao recuar (p. 108).

A claridade do céu, o hálito marinho, os odores, por meios dos quais as montanhas, o céu e o mar se diluem em um único elemento (p. 333).

Ainda no âmbito dos sentidos, o espaço está relacionado com a luz cromática ou monocromática. Uma paisagem dotada de cor está imbuída de significados, cada cor com seus simbolismos. Nas paisagens aquáticas goethianas, segue-se essa lógica, vide os exemplos a seguir:

Quando, sob o sol alto, percorri as lagunas e contemplei os gondoleiros de roupas coloridas movimentando-se suavemente ao remar, com as silhuetas recortadas sobre a superfície verde-clara da água e sobre o azul do céu, vi o quadro mais belo da escola veneziana. [...] O mesmo pode ser dito a respeito do reflexo da água verde do mar. Era como uma pintura apenas em tons claros, sendo que as ondas espumantes e o cintilar das luzes serviam de contraponto dentro dessa intensa claridade (p. 105).

Com o céu claro e uma atmosfera enevoadas, as escarpas rochosas de Sorrento adquiriam a mais bela cor azul. Nápoles, iluminada e cheia de vida, resplandecia em muitas cores (p. 257).

O mar parecia hoje – um dia extremamente límpido – azul-escuro, ameaçador e agitado (p. 262).

Sob um céu completamente limpo brilhava o mar tranquilo (p. 350).

A cor verde está intrinsecamente relacionada com a natureza e, no excerto acima, indica a cor da água em Veneza em sua conotação mais positiva, uma *waterscape* alegre, humana, de calma. Os “tons claros” e o “cintilar das luzes” (p. 105) reforçam a ideia positiva relacionada com a simbologia da cor verde. O mar, em outros lugares da Itália, assume descrições azuladas, referentes também ao céu. O azul simboliza movimento, o infinito, a imaterialidade (Borges Filho, 2007). No contexto positivo, o mar e o céu apresentaram-se de forma clara, em uma atmosfera tranquila. Contudo, o mar também se apresenta no azul-escuro, em uma conotação negativa, já que descrito em tom agitado e ameaçador.

A claridade e a luminosidade presentes nos excertos indicam uma ideia positiva em relação à cor branca, simbolizando luz, pureza, limpeza, vida. Por fim, a junção de todas as cores refere-se ao “colorido” e a “muitas cores”, em referência às simbologias positivas de todas as cores, um retrato de alegria, vida, iluminação.

Nesta topoanálise, as questões fronteiriças não foram distinguidas. Quanto ao espaço linguístico, considerando o volume de informações provenientes da análise dos 51 trechos, pode-se inferir que o espaço da jornada goethiana é expresso por determinadas classes de palavras como pronomes demonstrativos e advérbios que fornecem noção de lugar da descrição dos ambientes que o escritor visitou. Os verbos espaciais como partir, chegar, subir e descer também estão presentes e indicam o movimento do escritor em relação às paisagens aquáticas. Os adjetivos dimensionais, substantivos espaciais e advérbios geográficos são expressamente utilizados por Goethe para se referir aos trechos correlatos a *waterscape*. O seguinte trecho exemplifica os adjetivos: “Minhas janelas têm vista para um *estreito* canal ladeado por casas *altas*, logo abaixo do meu quarto há uma ponte de um único arco, e à minha frente abre-se uma ruazinha *estreita* e animada” (Goethe, [1816] 2017: 82). Esse trecho apresenta também afixo que indica espacialidade em diminuição representado pelo termo “ruazinha”.

O espaço que diz respeito à instância de criação do texto literário de Goethe infere-se por espaço da narrativa que coincide com o espaço da narração que aparece explicitamente, isso porque, apesar do livro ser reorganizado e publicado posteriormente à viagem, Goethe fez o esforço de apresentar as experiências de matéria imediata, como se estivesse vivendo no

presente, com caráter fidedigno e testemunhal às descrições de *waterscape* (Guimarães, 2017).

Após a análise morfossintática, a topoanálise aborda a relação sentimental, experiencial e vivencial entre o personagem e o espaço. Majoritariamente, Goethe possui uma relação topofílica em relação às paisagens aquáticas, com pequenas exceções, como problemas na viagem marítima, destrinchadas anteriormente, daí o escritor poder apresentar uma topofobia. A topofilia são os laços afetivos dos seres humanos com o espaço e diferem em intensidade, sutileza e modo de expressão (Tuan, [1974] 2015).

A topoanálise indica que Goethe está em harmonia com as paisagens aquáticas italianas, haja vista que no trecho “ainda que eu queira escrever palavras, a mim aparecem sempre imagens aos olhos, da terra frutífera, do mar sem limites, das ilhas perfumadas, da montanha que expele fumaça, sendo que me faltam os sentidos capazes de representar tudo isso” (Goethe, [1816] 2017: 241), o escritor encontra dificuldade para descrever a paisagem e expressar o que sente, contudo, o excerto indica uma relação afetiva e adorável com o lugar. Em suma, constata-se que Goethe se sente bem no espaço que descreve visualmente (Guimarães, 2017; Guidotti, 2012; Bakhtin, [1979] 1997).

Em síntese, a *waterscape* goethiana é conotativamente positiva, associando as águas da Itália à vivacidade, à alegria, à luminosidade, à fluidez. As viagens lacustres e marítimas representam a jornada do escritor por terras italianas e corroboram as principais vias de acesso tomadas pelos *grand tourists*. As gôndolas, a imensidão do mar azul e os reflexos esverdeados da água marítima, os rios, lagunas, praias e os canais compõem a paisagem aquática italiana, narrada pelo poeta que viveu uma jornada física e declaradamente transcendental.

A topoanálise permitiu alcançar e sistematizar significados e simbologias aos lugares associados à água visitados por Goethe, durante o Grand Tour. Demonstra potencial de colaboração no estudo de temas peculiares, como neste caso aplicado a *waterscapes*, o que é particularmente relevante para a análise de obras de referência para os praticantes de turismo literário. Infere-se, por extensão, que a topoanálise é um método promissor aos estudiosos de turismo literário, passível de aplicação em três etapas: 1) definição da literatura a ser analisada, considerando sua leitura integral e a marcação dos trechos que correspondem às duas possíveis interpretações, a primeira referente ao turismo literário e a segunda referente às paisagens aquáticas (ou tema da ocasião), em caráter não excludente; 2) desenvolvimento da topoanálise (Borges Filho, 2007), seguindo as orientações do fluxo proposto pelo autor. É nessa etapa que são analisados os espaços referentes aos lugares literários ou que

oportunizam as experiências literárias, correlatos à vida ou à obra de escritores. Em consonância, pode-se analisar *waterscape* (o presente estudo é o indicativo desta possibilidade). As possibilidades de interpretação são complementares e podem-se articular na análise; 3) relatar a topoanálise.

disso, sugere-se um amplo uso do método da topoanálise para o aprimoramento da interpretação dos lugares literários e espaços de *waterscape* interligados às obras literárias, aspirando visitas mais lúdicas, interativas e educativas.

6. Conclusão

Este estudo partiu da seguinte questão: como se apresentam as paisagens aquáticas nos relatos de Grand Tour de Johann Wolfgang von Goethe em sua obra *Viagem à Itália*? Deste modo, objetivou-se analisar as paisagens aquáticas, ou seja, *waterscape*, na obra *Viagem à Itália*, de Goethe.

O objetivo foi alcançado mediante uso do método de topoanálise proposto por Borges Filho (2007). Ao fim, constatou-se que as paisagens aquáticas no livro *Viagem à Itália* de Goethe são descritas num contexto nomeadamente positivo. Faz-se uso de recursos visuais, mediante elenco de cores e descrição da cena paisagística, através da qual o autor consegue transmitir ao leitor uma Itália colorida, repleta de vida e alegre, com uma imensidão de água.

A função do espaço na narrativa é de expressar os sentimentos vividos por Goethe, mostrando uma relação homóloga entre o escritor e o espaço. Goethe recorre à descrição dos cenários e da natureza, da mesma forma que descreve os ambientes e os fatores que implicaram nos sentimentos vivenciados no espaço.

A construção narrativa oportunizou a análise morfossintática, inferindo que Goethe escreve de forma a indicar as experiências no momento presente, convergindo o espaço da narração e da narrativa, assim, a jornada tem caráter autêntico e testemunhal das *waterscapes* italianas. E topoanálise também permitiu identificar as simbologias e os significados presentes nas descrições correlatas à água, constatando que o elemento é uma fonte infindável de representações e oportunidades para o turismo literário. Em suma, a relação de Goethe com o espaço é topofílica.

A topoanálise mostrou-se um método eficaz e pode ser replicada por estudiosos do turismo literário, no tocante à interpretação dos lugares literários e paisagens aquáticas, fortalecendo os significados e simbologias presentes no espaço.

Este trabalho não é livre de limitações, estas emergiram na constatação do volume de informações do livro, por isso, optou-se por preterir a segunda temporada romana de Goethe. Ademais, os excertos de *waterscape* podem ser ainda mais desvelados, em busca de outras configurações simbólicas na literatura. Essas limitações indicam oportunidades de estudos futuros no âmbito da literatura de Goethe, mas, para além

Referências bibliográficas

- [1] Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch [1979] (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- [2] Borges Filho, Oziris (2007). *Espaço e literatura: Introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora.
- [3] Çevik, Samet (2020). Literary tourism as a field of research over the period 1997-2016. *European Journal of Tourism Research*, 24, 2407.
- [4] Cosgrove, Denis & Jackson, Peter (2000). Novos rumos da geografia cultural. Zeny Rosendahl (Org.), *Geografia Cultural: Um Século*, 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1532.
- [5] Diogo Filho, Geraldo José (2018). Em busca de um lugar ao sol: A viagem de Goethe à Itália. *Confins-Revue Franco-Bresilienne de Géographie/Revista Franco-Brasileira de Geografia*, 35, 1-17.
- [6] Doughty, Karolina (2019). From water as curative agent to enabling waterscapes: Diverse experiences of the 'therapeutic blue'. In Ronan Foley, Robin Kearns, Thomas Kistemann & Bem Wheeler (Eds.), *Blue space, health and wellbeing: Hydrophilia unbounded* (pp. 79-94). London and New York: Routledge.
- [7] Goethe, Johann Wolfgang von [1816] (2017). *Viagem à Itália*. São Paulo: Companhia das Letras.
- [8] Guidotti, Mirella (2012). A construção do olhar: A *Viagem à Itália*, de Goethe. *Pandaemonium Germanicum*, 15 (19), 122-136.
- [9] Guimarães, Gabriel Alonso (2017). *Paisagem, tempo e memória na Viagem à Itália de Goethe* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3790>
- [10] Herbert, David (2001). Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28 (2), 312-333.
- [11] Karpouzoglou, Timothy & Vij, Sumit (2017). Waterscape: A perspective for understanding the contested geography of water. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Water*, 4 (3), e1210.
- [12] Lingyu, Zhu & Yongkui, Li (2011). A preliminary analysis of the waterscape in face of the shortage of water. *Procedia Engineering*, 21, 693-699.
- [13] Lopes, Danielle Alves; Baleiro, Rita & Quinteiro, Sílvia (2017). Memórias modernistas da cidade: Belo Horizonte nos discursos literários de Carlos Drummond de Andrade. *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*, 156.
- [14] Martínez, Gabriel López (2015). El Grand Tour: Revisión de un viaje antropológico. *Gran Tour: Revista de Investigaciones Turísticas*, 12, 106-120.
- [15] Milheiro, Eva & Melo, Carla (2005). O Grand Tour e o advento do turismo moderno. *Revista Aprender*, 30, 114-118.
- [16] Pinzon, Luis Rubén Pérez (2017). Turismo literario, ambientes históricos y "santandereanidad": Representaciones narrativas sobre el territorio santandereano. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 26 (2), 133-151.
- [17] Quinteiro, Sílvia & Baleiro, Rita [2017] (2019). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais* (2ª ed.). Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- [18] Quinteiro, Sílvia; Gonçalves, Alexandra Rodrigues & Carreira, Vivina (2021). Recursos e potencial de Coimbra como destino de turismo literário. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 36 (2), 419-432.
- [19] Rudzewicz, Laura (2018). *Paisagens lacustres e práticas turísticas: "Com os pés na água" ou "de costas para a água"? O caso da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil* (Tese de doutoramento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- [20] Salgueiro, Valéria (2002). Grand Tour: Uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, 22 (44), 289-310.
- [21] Shao, Jialing (2015). Analysis on the application principle of waterscape design in modern landscape. In *1st International Conference on Arts, Design and Contemporary Education (ICADCE 2015)* (pp. 515-517). Atlantis Press.
- [22] Squire, Shelagh J. (1994). The cultural values of literary tourism. *Annals of Tourism Research*, 21(1), 103-120.
- [23] Towner, John (1985). The grand tour: A key phase in the history of tourism. *Annals of Tourism Research*, 12 (3), 297-333.
- [24] Tuan, Yi-Fu [1974] (2015). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel.